

* 5 JUL 1989

Os "heróis" estão fatigados Elen. D. Nasif

Quando se desiste de recorrer aos médicos que propõem severas cirurgias, muitos se voltam para os curandeiros, que oferecem soluções menos dolorosas. Pode-se perguntar hoje, no País, se a grande maioria dos economistas não está porventura assumindo o papel dos segundos ao impingir mezinhas ou rezas (aliás bem pagas...), para substituir as recomendações dos verdadeiros médicos que sabem que sem o uso do bisturi não haverá em certos casos a almejada cura. Tais reflexões nos acodem diante das propostas anteontem formuladas em São Paulo pelo economista — e prolífico conferencista — John Kenneth Galbraith.

Perante um público que se diria apenas à espera dos oráculos de Delfos, o economista escocês apresentou dois conselhos: que os países devedores se unam para enfrentar os seus credores, não os pagando, e que se estabeleça um congelamento dos preços e salários visando à queda da inflação. Baseia-se o sr. Galbraith sobre a sua experiência do passado, esquecendo-se talvez de que o mundo mudou e de que a presente realidade econômica é bem diversa daquela que se registrava antes da Segunda Guerra Mundial.

Enquanto temos economistas patricios que sugerem o encerramento da negociação da dívida externa, através do comitê de assessoramento para

discutir diretamente com cada um dos bancos credores, John Kenneth Galbraith propõe a formação de um cartel dos devedores para que se dê curso a um calote, pensando assim que todos os problemas seriam resolvidos e que voltaríamos à normalidade, desde que se congelassem, simplesmente, preços e salários.

O sr. Galbraith nunca levou em conta as opiniões de outros economistas, a não seras de lord Keynes, ao longo dos anos abusivamente utilizadas para fortalecer a estatização da economia dos países em desenvolvimento. Parece realmente ignorar essa "revolução silenciosa", à qual se referiu recentemente o diretor-gerente do FMI, Michel Camdessus, que está reintroduzindo os mecanismos do mercado, de eficiência, ora prejudicada pelo desrespeito aos seus preceitos, conforme o demonstram experiências recentes em numerosos países. A tais mecanismos cumpre acrescentar o acatamento aos contratos, ou pelo menos à negociação destes, como peça-mestra de um regime liberal.

O sr. Galbraith está propondo a formação de um cartel sem se dar ao trabalho de explicar por que, até agora, malograram todas as tentativas levadas a efeito na América Latina nesse sentido. Ao contrário, foram exatamente os países que aceitaram as regras do jogo que lograram sair do impasse e cada

um deles, como se sabe, tem interesses bem diferentes daqueles dos seus vizinhos, do que são exemplos os casos do México ou das Filipinas.

O ex-catedrático dos EUA, que elegeu o calote como instrumento da política econômica, nos diz que não seria o primeiro, que os bancos estão preparados para tanto e que bastaria fazer-se voz grossa para que vencida seja a comunidade financeira internacional. Realmente, enfrentamos uma crise da dívida externa nos anos 30, para a qual se encontrou solução duas décadas depois. Convém notar, todavia, que a situação, à época, era bem diferente. Os credores não eram os bancos, mas os pequenos portadores de bônus, aos quais era mais fácil enfrentar.

Cumpramos observar, finalmente, que a não ser no caso de alguns países como a URSS, foi possível, através de um sistema de funding, honrar os compromissos dos juros e do principal. As nações que entraram temporariamente em *default* não foram posteriormente penalizadas, é verdade.

Há que se lembrar, porém, que tal somente foi possível com a criação de um novo mercado — o dos eurodólares — fortalecido pelo surgimento dos "petrodólares", fonte já exaustiva. Não podemos esquecer que o interesse dos países hoje endividados é o de poder contar com

um novo fluxo de recursos externos, o que certamente não constitui objetivo que se possa colimar com a utilização de um calote.

Ao contrário, podemos pensar que a crise da dívida externa, transformada em alibi para que não se ordene a economia, será logo resolvida mediante renegociação em bases sólidas que não passe pelo calote, no dia em que pudermos oferecer aos investidores estrangeiros uma economia em que impera o mercado.

Pode-se assim verificar como a proposta de um controle rígido dos preços e salários (de efeitos bem conhecidos nos países comunistas...) vai à contracorrente das soluções verdadeiramente eficazes. O sr. Galbraith refere-se à sua experiência norte-americana. Esquece-se de que transcorreu num mundo em guerra, em que predominava a escassez, e em que as fronteiras econômicas estavam fechadas. Foi em regime de liberdade, porém, que os Estados Unidos conseguiram manter a prosperidade de que hoje desfrutam.

O Brasil não necessita de curandeiros, ainda que suas preleções, ou rezas, apresentem, aqui e ali, pitadas de humor. Não devemos recorrer a oráculos, mas a cirurgias que extirpam corajosamente os males, sem vender ilusões, ou seja, terapias dissociadas de lágrimas e dores.